

Los sentidos en los medios: las versiones sobre el Movimiento de los Sin Tierra en dos diarios impresos

Alexandre Bonetti Lima¹

Resumen

Esta investigación busca participar de la discusión en los medios impresos a partir de los discursos sobre el Movimiento de los Sin Tierra (MST), del Pontal del Paranapenema (São Paulo) en dos periódicos de circulación diaria. Se sitúa en el debate entre aquellos para los cuales los medios son un dispositivo ideológico de dominación, y aquellos para los cuales los medios por su inevitable polisemia pueden ejercer una participación constructiva en una sociedad de conflictos, aunque sin intención. La referencia a la Psicología Social construccionista nos localiza dentro del segundo conjunto de reflexiones, lo que hace posible contemplar el periódico como un mosaico en el cual se hacen presenten múltiples dialogías y producciones de sentidos acerca de los temas tratados, configurándose simultáneamente, como vehículo de transmisión de voces diversas, oriundas de lugares diversos y con posiciones diversas sobre lo que se construye como noticia; como actor social con su voz y posicionamientos propios; como lugar de diálogo con los lectores, coautores activos de los sentidos e historias contadas. Se muestra, por tanto, como espacio de expresión de la dinámica de las luchas hegemónicas de una época y de un lugar.

Palabras clave: periódico, MST, discurso

1 Profesor adjunto del Departamento de Psicología Social de la Universidad Estadual de Londrina (UEL). Doctor en Psicología Social de la PUC-SP

Abstract

THE MEANINGS IN MASS MEDIA: THE VERSIONS ABOUT THE WITHOUT LAND MOVEMENT IN TWO NEWSPAPERS

This investigation looks to participate on the discussion in printed media since the discourses on the Without Land Movement (MST), in Pontal of the Paranapanema (Sao Paulo) in two newspapers of daily circulation. It is situated in the debate between those for which the means are an ideological device of domination, and those for which the mass media, by their inevitable polisemia, can exert a constructive participation in a society of conflicts, although without intention. The reference to constructionist Social Psychology locates to us within the second group reflections, which does possible to contemplate the newspaper as a mosaic in which it take place multiple dialogics and productions of meanings about the treated subjects, forming itself simultaneously, as a transmission vehicle of diverse voices, proceeding of diverse places and with diverse positions on which it is constructed as news; as social actor with its own voice and positioning; as place of dialogue with the readers, active coauthors of meanings and narrated histories. Therefore, it is showed as an expression space of the dynamics of hegemonic fights about an era and a place.

Key words: newspaper, MST, discourse

Resumo

OS SENTIDOS NA MÍDIA: AS VERSÕES SOBRE O MST EM DOIS JORNAIS DIÁRIOS

Esta pesquisa objetiva participar da discussão sobre a mídia impressa a partir dos discursos sobre o MST do Pontal do Paranapanema em dois jornais diários. Ela situa-se no debate entre aquelas para as quais a mídia é um aparelho ideológico de dominação, e aquelas para as quais sua polissemia inevitável pode exercer participação construtiva numa sociedade de conflitos, mesmo sem intenção. A referência à Psicologia Social Construcionista nos localiza no segundo conjunto de reflexões, possibilitando contemplar o jornal diário como um mosaico no qual presentificam-se múltiplas dialogias e produções de sentidos acerca dos temas noticiados, configurando-o, simultaneamente, como: veículo de transmissão de diversas vozes, oriundas de diversos lugares e com diversos posicionamentos sobre o que noticia; como ator social com voz e posicionamentos próprios sobre o mesmo; como lugar de diálogo com os leitores, co-autores ativos dos sentidos e histórias contadas. Mostra-se, portanto, como espaço de expressão da dinâmica das lutas hegemônicas de um tempo e lugar.

Palavras chave: jornal, MST, discurso

Este artigo tem como objetivo contribuir para a discussão sobre a mídia impressa na modernidade a partir dos discursos na mídia impressa local e nacional sobre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) do Pontal do Paranapanema, região localizada a oeste do Estado de São Paulo (Brasil). Ele se situa no debate entre aqueles para os quais a mídia é considerada um aparelho ideológico de dominação e assujeitamento, e aqueles para os quais a polissemia inevitável do jornal e sua posição enquanto documento de domínio público pode exercer uma participação construtiva numa sociedade de conflitos, mesmo sem o querer. Nos alinhamos com o segundo conjunto de reflexões.

A escolha do MST do Pontal do Paranapanema como ator investigado nos jornais, entre as várias regiões nas quais o movimento dos sem terra tem base de ação, deu-se por ser onde o seu aparecimento mais provocou impactos nas relações de uso e propriedade da terra no país. Com cerca de um milhão de hectares de terras, sendo 90% delas de posse irregular (griladas), e apresentando índices de pobreza semelhantes aos das regiões pobres dos estados do nordeste, apesar de localizar-se no estado mais rico da federação, apresenta-se como lugar privilegiado para as ações do movimento.

O período em que acompanhamos a cobertura dos jornais sobre o MST do Pontal estendeu-se de 1990 (ano em que pela primeira vez apareceram matérias sobre o movimento nos jornais pesquisados) a 2000.

Os jornais que foram escolhidos como campo de investigação foram a *Folha de São Paulo* e *O Imparcial de Presidente Prudente*, um jornal de circulação nacional e um regional, portanto. Tal opção se explica pelas diferenças de lugares de onde cada qual constrói suas notícias, cujos locutores, no primeiro (de circulação nacional), tendem a posicionar-se com mais distanciamento dos eventos noticiados sobre o movimento e, no segundo (o regional), por estarem bastante próximos dos mesmos (sendo, em geral, moradores da região), tendem a expressar — colados às notícias — seus interesses, preocupações, conceitos e preconceitos com mais intensidade e explicitude. Além disso, os jornais de grande circulação costumam ser menos rígidos com relação à sua linha editorial, sendo mais tolerantes às posições polêmicas, pois falam para um

número bem mais extenso e heterogêneo de pessoas, espalhadas por vários pontos do país e, portanto, inseridas em redes sócio-culturais diversificadas.

Uma vez definido o campo da pesquisa (os discursos sobre o MST do Pontal do Paranapanema a partir da *Folha de São Paulo* e de *O Imparcial de Presidente Prudente*), foi preciso decidir por uma concepção de jornal. A concepção com a qual nos alinhamos, já mencionado no início, pressupõe o jornal como documento de domínio público. Melhor dizendo, com base nesta concepção entendemos o jornal como tendo a forma de um mosaico (McLuhan, 2001:1962), no qual múltiplas falas justapostas acerca de cada assunto e de inúmeros assuntos presentificam-se, diariamente, ao longo de suas páginas. Como documento de domínio público, então, o jornal promove e veicula uma diversidade de falas que refletem o “ir e vir de versões circulantes assumidas ou advogadas” (Spink P., 1999:136) em cada tempo, mostrando-se, assim, como “lugar de construção coletiva de sentidos e histórias” (Martins, 2004:66), onde continuamente formam-se novos personagens, renovam-se os antigos e confrontam-se diferentes narrativas. Através do jornal, conclui-se, pode-se acompanhar os embates retóricos na busca pela hegemonia de sentidos, e no caso específico desta pesquisa, pela hegemonia acerca dos rumos da reforma agrária no Pontal do Paranapanema.

De fato, debruçando-se sobre os jornais, pudemos notar uma variedade de vozes que diariamente presentificam-se nas suas páginas. Como diz Mouillaud (2002:117): “A respeito do jornal diário, não se poderia dizer que é um quarto de ecos onde ressoa o concerto de vozes que, sem ele, não teriam eco? Vozes discordantes por suas origens, seus conteúdos e seus locutores, caso sejam e devam ser autorizadas para se fazer escutar?” Assim, a título de exemplo, durante a gestão de Fernando Henrique Cardoso na Presidência da República do Brasil, não raro apareceram nos jornais matérias sobre o MST com referência ao então ministro da reforma agrária Raul Jungmann desqualificando o movimento dos sem terra como interlocutor legítimo na discussão da questão agrária. De outro lado, artigos com referência a personagens como José Rainha Jr. (um dos líderes do MST no Pontal do Paranapanema) posicionavam o mesmo movimento como interlocutor qualificado para essa discussão. Versões distintas, portanto, oriundas

de vozes de lugares político-sociais distintos, dirigidas e sustentadas por intencionalidades igualmente distintas.

No entanto, além de um veículo que presentifica vozes oriundas de diferentes lugares e com diferentes intencionalidades, o jornal também é um ator social; e como ator social que é possui suas próprias versões e intencionalidades com respeito aos eventos que cobre. Tal pode se verificar não apenas nos artigos em que assume explicitamente suas posições (como os editoriais) como também nos dispositivos que utiliza em cada uma de suas matérias. A título de ilustração, nas matérias que, como no exemplo anterior, posicionam diferentemente o MST, pode-se perseguir o grau de verossimilhança e credibilidade de cada uma delas através de questões, como: em que páginas se localizam cada uma, da direita ou da esquerda? Qual a dimensão de cada uma? Que título levam? Que fotografias (se as há) ilustram as notícias? Como se desenha a arquitetura do texto? Em que conjunto de outros textos se insere o texto da notícia em questão? Em suma, que conjunto de referencialidades, que encenação da escritura há em cada uma e como se dispõem? (Mouillaud e Porto, 2002) Elementos que forjarão mais ou menos verossimilhança e credibilidade às vozes de referência que falam.

A título de exemplo atentemo-nos a dois artigos publicados no dia 8 de março de 2000 na Folha de São Paulo na mesma página. No primeiro, a manchete é: “Cooperativa muda perfil dos sem terra”, e diz:

As preocupações do MST com o gerenciamento de assentamentos e com as novas atividades econômicas contribuíram para um ano relativamente pacífico no Pontal do Paranapanema em 1999.

(...) O líder José Rainha Jr., conhecido pelos ataques verbais ao governo, hoje está calado, confinado a funções burocráticas no cargo de secretário da COCAMP (cooperativa agro-industrial dos sem terra do Pontal).

(...) Pelas mãos de 4218 famílias assentadas na região passaram quase R\$ 30 milhões entre 1995 e 1998. São recursos do governo para investimentos e custeio de safra. Das famílias contempladas, 2420 são associadas da COCAMP.

(...) Essa intensa atividade industrial transformou alguns dos mais radicais dirigentes do MST. Uns foram relegados a funções burocráticas, outros estão preocupados apenas com seu lote de terra.

A partir deste artigo, o jornal localiza a razão da reduzida presença do movimento em suas páginas durante o ano de 1999 na quietude do próprio movimento (foram apenas 20 matérias neste ano, contra 119 em 1998, 260 em 1997 e 216 em 1996), o qual, ainda segundo o jornal, vem se tornando uma organização cada vez mais capturada pelo mercado financeiro e pela burocracia administrativa, assumindo os assentados como prioridade e não mais os sem terra. Suas lideranças, afirma, ora voltadas para suas vidas privadas (“preocupados apenas com seus lotes de terra”), ora enredadas em atividades burocráticas (como Rainha na direção da COCAMP), segundo a *Folha*, revelam um MST que se falseia, pois seu nome (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) não mais condiz com sua realidade interna, e sua atuação trai seus princípios históricos, na medida em que prioriza os trabalhadores com terra. Ao apresentar o MST dessa forma, o jornal o desqualifica como voz crítica do sistema, já que capturado pelo mesmo, pela sua burocracia. Além disso, a legitimidade conquistada pelo movimento junto à opinião pública ao longo de sua curta história, deveu-se, em grande parte, por compor-se — organizando e sendo organizado — fundamentalmente, de famílias sem terra, miseráveis, excluídas do sistema produtivo e destituídas do acesso a bens de consumo mesmo básicos. Não é essa a realidade sócio-econômica dos assentados. Não mais.

Logo abaixo deste artigo, porém, outro há que se contrapõe, explicando, através de José Rainha Jr. — em tom de resposta — uma posição um tanto distinta da anterior. A manchete é: “É estratégia, afirma Rainha”. Nele, há uma breve entrevista com José Rainha Jr., na qual o entrevistado (uma das principais lideranças do movimento na região) desmente a ocorrência de uma mudança de perfil entre os sem terra. Ele de fato confirma a maior importância dada agora pelo movimento ao gerenciamento dos assentamentos e da sua cooperativa, mas não a mudança de perfil acusada pelo jornal. Argumenta que os sem terra continuam fazendo ocupações e reivindicando um modelo de reforma agrária diferente do defendido pelo governo, por isso voltam-se para o

melhor gerenciamento dos assentamentos que possuem, para mostrar à sociedade que mesmo em uma conjuntura bastante adversa, a reforma agrária que defendem é viável.

O jornal, assim, apresenta duas versões que posicionam distintamente o MST do Pontal do Paranapanema: a sua versão, por meio da qual descreve um MST bastante mudado, não mais aguerrido, radical e voltado para a conquista de novos assentamentos como antes, mas capturado pela burocracia do sistema financeiro e restrito aos problemas rotineiros da administração de assentamentos e da cooperativa de produção; e a resposta a ela, através de Rainha falando pelo movimento, por onde apresenta outra versão, a do MST que não mudou, mas apenas assumiu estrategicamente priorizar o gerenciamento dos assentamentos, tendo em vista a conjuntura adversa que se construiu para a agricultura familiar e cooperada viabilizar-se. Reagir a essa conjuntura para mostrar que a solução dos problemas agrários no país não se faz através do mercado é o mote desse “recuo estratégico”, no dizer de Rainha.

Qual é a versão verossímil? Qual a mais crível? Como já se disse, a disposição com que estão organizadas no jornal é bastante ilustrativa a respeito (Mouillaud e Porto, 2000; Lima, 2005). O artigo posto na parte de cima é o que relata a versão do jornal. A resposta de Rainha, no outro artigo, situa-se abaixo. A dimensão do primeiro é aproximadamente duas vezes a do segundo. O mesmo ocorre com relação à dimensão das manchetes de ambos. No primeiro há também uma fotografia de um agricultor trabalhando em um assentamento (seria uma referência ao argumento de que a população que exclusivamente interessa ao MST agora são os com terra?). Tal distribuição evidencia que o jornal, aqui, não expõe sua posição e a outra — diferente da sua — equilibradamente, como poderia parecer em uma primeira e desatenta leitura. Pelo contrário, ao ressaltar sua posição, sua fala sobre a do outro, organizando ambos os artigos da maneira como estão, referenda ainda mais sua voz, pois esta não está restrita ao conteúdo do primeiro artigo, mas atravessa toda a organização e a distribuição dos dois artigos — com a respectiva foto — na página. A voz do jornal, então, ressoa também no segundo artigo não apenas como aquela em relação a qual Rainha responde algo (uma negação: os sem terra não mudaram de perfil), mas na própria disposição com que a página é organizada, configurando um efeito comunicativo: os sem terra mudaram de perfil sim.

Se a *Folha de São Paulo*, como se nota, apresenta com certa sutileza a sobreposição e maior ênfase de seus argumentos e de suas posições sobre outros argumentos e posições divergentes dos seus acerca da questão agrária e do MST do Pontal do Paranapanema, trazendo com isso a diversidade de vozes e posições sobre o tema, mesmo que desigualmente organizadas, não se pode dizer o mesmo do jornal *O Imparcial de Presidente Prudente*. Neste, o MST é invariavelmente alvo de desqualificações sem quaisquer sutilezas. Posicionado como inimigo a ser extinguido, é satanizado em todos os editoriais que dele falam. Mesmo nas matérias no corpo do jornal, as nomeações com que é qualificado não são de modo algum elogiosas. E além da sua, as vozes que nele presentificam-se, embora variadas, via de regra fazem coro com suas posições, como a dos latifundiários, da Tradição Família e Propriedade (TFP, organização católica extremamente conservadora), entre outras. Nas raras vezes em que vozes simpáticas ao MST são apresentadas, localizam-se ou em espaços menores do jornal, ou enredadas em referencialidades que as desqualificam. Como exemplo, vejamos o seguinte artigo:

Reforma agrária em solo infértil é caminho do bolsão da miséria

Não são conhecidos até hoje os objetivos reais do MST, articulado por corrente política que vem explorando a reforma agrária forçando aparentar propósitos sociais. Quem conhece o Pontal do Paranapanema não pode conceber honestamente que a área seja adequada para assentamentos de pequenos e desvalidos agricultores. Qualquer estudo que se faça ali das propriedades das terras terá que concluir pela inviabilização da agricultura. O Pontal ainda não se transformou numa grande área desertificada porque seu solo é protegido por pastagens.

Começemos pela manchete. Nela, se lê uma sentença afirmativa que aponta para a seguinte equação: reforma agrária em solo infértil = bolsão de miséria. Passando para o corpo do texto, nota-se que o solo infértil do qual fala a manchete diz respeito ao solo do Pontal do Paranapanema (“Quem conhece o Pontal não pode conceber que a área seja adequada...”). Diante dessa afirmação, a indagação que faz o texto é sobre os verdadeiros objetivos do MST ao insistir na efetivação

da reforma agrária, pois se o solo do Pontal é infértil, e se reforma agrária em solo infértil produz miséria, por que insiste o MST nessa empreitada? (“Não são conhecidos até hoje os objetivos reais do MST...”). A resposta a essa pergunta aparece na seqüência da mesma oração (“... articulado por corrente política que vem explorando a reforma agrária forçando aparentar propósitos sociais”), na qual se depreende que, segundo *O Imparcial*, os objetivos que esconde o MST, por trás do aparente interesse social de reversão da pobreza através da reforma agrária é um interesse político-ideológico, argumento que se repetirá em várias outras matérias sobre o MST. O texto é finalizado com duas orações em seqüência bastante elucidativas acerca da posição do jornal no embate fundiário MST X latifundiários. Na primeira oração (“Qualquer estudo que se faça ali... terá que concluir pela inviabilização da agricultura”) argumenta pela impossibilidade do desenvolvimento da agricultura na região, dada a pobreza do solo para, na oração seguinte (“O Pontal ainda não se transformou numa grande área desertificada porque seu solo é protegido por pastagens”) indicar a pecuária como forma ideal de produção nas terras do Pontal. Coincidentemente, esta é a forma de produção majoritária dos grandes latifundiários da região, cuja ação predatória - queimadas e uso de agente laranja para derrubada da mata a fim de preparar as ditas pastagens - foi responsável pelo empobrecimento do solo — e isso não é mencionado — (Fernandes, 1999, 2000; Lima, 2005).

Se os jornais mostram-se — embora de modos distintos — como atores sociais com posições e intencionalidades próprias no processo de participação da discussão sobre o MST e a questão fundiária no Ponta do Paranapanema, não quer isso dizer que os sentidos possíveis do que contam se encerram na sua produção final. Como documentos de domínio público que são, depois de produzidos e publicamente disponíveis, múltiplas possibilidades de sentidos são geradas nos processos de interpretação de suas matérias - e histórias - pelos leitores (Spink P., 1999). Estes (os sentidos) são continuamente construídos e reconstruídos na medida em que as matérias são lidas, relidas e comentadas por diferentes pessoas, de diferentes lugares (Thompson, 1999; 1995). Decorre daí que além de ator social contador de histórias, o jornal é um lugar de diálogo, e não apenas entre as vozes que estão nele presentificadas, mas também delas com o leitor, co-autor ativo das histórias contadas pelo jornal (Lima, 2005).

É desse lugar também (de leitor co-autor) que nos posicionamos para desenvolver esta pesquisa. Pois debruçar-se sobre o jornal e analisar suas matérias é interpretá-las; e interpretá-las é utilizar-se de outros textos — acadêmicos e não acadêmicos, lidos, ouvidos, vistos — a partir de um lugar sócio-cultural e histórico, por onde se constrói um repertório interpretativo (Potter e Wetherell, 1996), isto é, uma base para a leitura das matérias em questão. Nesse sentido, não se teve aqui a pretensão de penetrar na verdade essencial dos sentidos produzidos pelos jornais analisados, já que isso pressuporia a existência de leitores passivos, que absorvem homogênea e acriticamente as mensagens emitidas. Tencionamos, ao contrário, através de uma sistemática e atenta leitura, recontar as histórias contadas pelos jornais sobre o MST do Pontal do Paranapanema, buscando desvelar os personagens e vozes que falam e como falam (incluindo o jornal ele mesmo), os posicionamentos e lugares de onde produzem seus argumentos, as suas intencionalidades muitas vezes bastante sutis e presentes nos subtextos, os intertextos (isto é, a historicidade dos textos, a quem respondem, ou se endereçam), as redes de poder e contra-poder (Bakhtin, 1999, Fairclough, 2001, 2003). Em suma, tencionamos com esta pesquisa continuar as conversas com os jornais e contar novas histórias, de modo a contribuir para reacender o debate de outro jeito, isto é, para mudar o tom do barulho deste cotidiano, o cotidiano do MST do Pontal do Paranapanema e toda a complexa, penosa e injusta situação agrária que o envolve.

Bibliografia

- BAKHTIN, M. (1999). *Marxismo e filosofia da linguagem*. (M. Lahud e Y. F. Vieira, Trad.) Hucitec, São Paulo.
- FAIRCLOUGH, N. (2001). *Discurso e mudança social*. (I. Magalhães, Trad.) Ed. UnB, Brasília.
- FAIRCLOUGH, N. (2003). *Analyzing discourse: textual analysis for social research*. Routledge, London.
- FERNANDES, B. M. (1999). *MST: formação e territorialização*. Hucitec, São Paulo.
- (2000). *A Formação do MST no Brasil*. Vozes, Petrópolis.

- LIMA, A. B. (2005). *Era uma vez... Algumas histórias: as versões sobre o MST do Pontal do Paranapanema em dois jornais diários*. Tese de Doutorado não publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, SP.
- MARTINS, M. M. (2004). Milênios em uso: produção de sentidos globais e locais a partir de um jornal diário de grande circulação. Tese de Doutorado não publicada, Programa de Pós-graduação em Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, SP.
- MCLUHAN, M. (1962). *The Gutenberg galaxy: the making of typographic man*. Routledge, London.
- (2001). *Os meios de comunicação como extensões do homem (Understanding Media)*. (D. Pignatari, Trad.) Cultrix, São Paulo.
- MOUILLAUD, M. e PORTO, S. D. (org.) (2002) *O Jornal: da forma ao sentido*. Ed. UnB, Brasília.
- MOUILLAUD, M. (2002). O Sistema das citações. In: Mouillaud, M. e Porto, S. D. (org) *O Jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Ed. UnB, pp.117-144.
- SPINK, P. (1999). Análise de Documentos de Domínio Público. Em: SPINK, M. J. (org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano*. Cortez, São Paulo, pp. 123-152.
- THOMPSON, J. B. (1995). Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. (P. A. Guareschi, Trad.). Vozes, Petrópolis.
- (1999). *A Mídia e a Modernidade: uma teoria social da mídia*. (P. A. Guareschi, Trad.) Vozes, Petrópolis.